

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE ALUNOS DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS ACERCA DO TEMA SEXUALIDADE

Vinícius Colussi Bastos¹. Universidade Estadual de Londrina – UEL.

¹ Mestrando em Ensino de Ciências e Educação Matemática pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática – PGCEM – UEL – Londrina – PR. (bastosvc@globocom.com).

Resumo

A sexualidade é um produto histórico, social e subjetivo que compõem nossa linguagem, prática e representações. Foi com os PCN que o tema sexualidade evidenciou-se na educação formal. No ambiente escolar são vários os percalços para o trabalho desta, que vão desde a resistência em incluir o tema sexualidade no currículo, a lacuna na preparação teórica e prática dos professores para abordá-la. Considerando esses obstáculos na formação inicial de professores nesta investigação, pautada na Teoria das Representações Sociais de Moscovici, entrevistou-se 20 alunos da última série de licenciatura em Ciências Biológicas, com o objetivo de conhecer as representações desses futuros professores acerca da sexualidade e como eles a desenvolveriam na escola. Obtivemos que as representações sociais de sexualidade destes graduandos estão ancoradas em dimensões biológicas e médica; e que eles consideram ações pontuais suficientes para a abordagem do tema. O que evidencia a necessidade de maiores discussões a cerca da temática neste curso de formação inicial de professores.

Palavras – chave: Sexualidade; Representações Sociais; Formação inicial.

Introdução

O conceito de sexualidade está envolto por vários aspectos da vida afetiva e cultural do homem. Segundo Foucault (1988) ela é um produto histórico, cultural e subjetivo que compõem a nossa linguagem, a prática e as representações. Dubeux (1998) afirma que ela é tecida nas malhas da cultura e vai se constituindo na relação com o grupo cultural em que está inserida. Figueiró (2006) destaca que a sexualidade é uma dimensão exclusivamente humana, tendo seu sentido e vivência determinados pela cultura e pela natureza própria de cada ser humano, num processo histórico e dialético. Egypto (2005) a considera parte integrante e decisiva da identidade de todas as pessoas, ou seja, daquilo que as define como indivíduo e que permite a cada um se reconhecer.

A discussão desse tema na educação formal destacou-se, no Brasil, com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) propostos em 1996. Os PCN tratam da educação sexual como um tema transversal que pode e deve ser trabalho por professores das diversas áreas do conhecimento, ressaltando a importância de se abordar a sexualidade das crianças e dos adolescentes nas dimensões biológica, psíquica e sociocultural. (BRASIL, 2001).

No ambiente escolar é vital o papel do professor para o desenvolvimento da temática, no entanto, ensinar a anatomia e a funcionalidade do pênis e da vagina faz parte do currículo de biologia das escolas e não tem o mesmo papel da Educação Sexual. Figueiró (2006) aponta que tratar da temática sexualidade nas escolas é algo que ultrapassa a dimensão biológica e que envolve reflexões individuais e coletivas. Permitindo ao aluno, por meio deste exercício de reflexões, reconhecer-se como sujeito de sua própria sexualidade, o que lhe possibilitará construir práticas positivas e saudáveis para sua vida.

A educação sexual, como um processo social no âmbito escolar, poderá ser considerada como um processo de transformação e mudança, que parte de um projeto coletivo e atinge os indivíduos, cada qual com sua busca particular do(s) sentido(s) da sexualidade (LORENCINI JR, 1997, p. 95).

A escola é um ambiente propício e desempenha um importante papel na Educação Sexual de seus alunos. No entanto esta temática reveste-se de subjetividade e são as representações sobre ela que conduzem sua abordagem, no âmbito escolar. Diversos trabalhos, como os de Guimarães (1995), Sayão (1997), Lima (1997), Werebe (1998), Nunes (2005), Figueiró (2006) e entre outros, apontam dificuldades apresentadas pelas escolas para a efetiva inserção da sexualidade em seus trabalhos e problematizam as ações docentes que inviabilizam o êxito da Educação Sexual.

Com relação à inclusão do tema sexualidade no currículo escolar, Guimarães (1995) aponta que a escola por muitas vezes é conservadora e revela alguns pontos evidentes de que não está bem resolvida quanto a esta inserção. O problema torna-se maior ainda quando os professores não se apropriam desta importância em suas ações individuais e/ou coletivas (SAYÃO, 1997).

A conduta epistemológica e a prática pedagógica do professor influenciam o rumo do processo de aprendizagem do aluno, assim como a eficácia/êxito do trabalho desenvolvido. Lima (1997) complementa destacando que há influência das considerações do professor sobre os alunos. A conduta do professor frente à vida, às relações sociais e à



sexualidade (suas representações sociais) terão grande importância na construção das idéias e representações dos alunos. Nesta perspectiva, Werebe (1998) diz que todo professor, independentemente da disciplina que leciona, desempenha ações no Campo da Educação Sexual, mesmo que inconscientemente. Visto que essas ações são representadas pelos valores, idéias, maneira de ser, vestir, agir e tratar os alunos. Com isso o professor deve ter em mente que por meio de seus próprios exemplos, influenciam aos outros na maneira de ser e agir.

Quanto a abordagem ou não do tema sexualidade pelo professor, Sayão (1997) comenta que muitos ficam incomodados em abordá-la por temerem as reações, convicções e curiosidades dos alunos. Nunes (2005, p.13) justifica que essa abordagem não é simples porque há “um certo estranhamento do sujeito humano com sua própria sexualidade”. E essa sexualidade está cercada de valores morais, que determinam comportamentos, usos e costumes sociais. Entretanto o professor deve assumir uma postura de diálogo com os alunos, estabelecendo uma relação de confiança sem criar cumplicidade e principalmente juízo de valor (SAYÃO, 1997).

Como destacado nos PCN, vale ressaltar que ao tratar da temática sexualidade é importante que os professores das diversas áreas do conhecimento a desenvolvam dentro do limite da ação pedagógica, sem invadir a intimidade e comportamento de cada aluno, não tendo caráter psicoterapêutico (BRASIL, 2001).

Torna-se evidente a necessidade de profissionais com sensibilidade e preparação necessárias para reconhecer problemas que atingem a sociedade e em particular os alunos. A exigência feita aos educadores é grande, o que reforça a necessidade destes possuírem estratégias pedagógicas apropriadas para o trabalho com os temas transversais, conhecimentos básicos para definirem objetivos, conteúdos e metodologias, pois também são estes profissionais que definirão o currículo, pontuando: o que, quando e como ensinar (GAVIDIA, 2002).

Nesse sentido reconhece-se o papel fundamental dos cursos de formação de professores, tanto inicial, quanto continuada, e espera-se que estes estejam preocupados com a construção de profissionais capacitados a trabalhar com temas que se ancoram em dimensões sociais e culturais, como por exemplo, a sexualidade, a pluralidade cultural, o meio ambiente e a ética. Considerando que estas temáticas são hoje amplamente problematizadas e trabalhadas nos cursos de formação de professores; e que um dos principais percalços para sua praticabilidade esteja nas representações dos educadores, este

estudo pretende conhecer as Representações Sociais (RS) a cerca da sexualidade em graduandos da última série do curso de licenciatura em Ciências Biológicas e qual a maneira estes consideram melhor para o desenvolvimento da temática na escola. Com o objetivo de inferir, a partir disto, se as ações docentes destes futuros professores contemplam as necessidades transversais da temática, que comporta a afetividade, o amor, as práticas culturais e sociais.

Procedimentos metodológicos

A investigação ocorreu em duas etapas e embasou-se em uma metodologia de caráter qualitativo. O objeto de estudo desta pesquisa foram os graduandos da última série do curso de licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Maringá, turno integral, do ano letivo de 2010, que foram convidados a participar de maneira voluntária desta pesquisa.

A primeira etapa constituiu-se da coleta de dados por meio de um questionário, que foi entregue aos graduandos, composto pelas seguintes questões abertas:

- 1) Se você fosse desenvolver um trabalho sobre Sexualidade em uma escola, como ou o que você faria? Em qual momento?
- 2) Há algum assunto que você considera mais importante abordar?

Estas poderiam ser respondidas dentro do prazo de uma semana, para permitir uma maior reflexão sobre a temática e até uma possível discussão de idéias entre o grupo de graduandos entrevistados.

Na segunda ocorreu a análise dos resultados, pautada na Teoria das Representações Sociais de Moscovici (2009). Escolheu-se esta teoria, pois ela nos possibilita captar a essência da sexualidade humana, permitindo compreendê-la em um nível além da emoção, pela exigência de explicações que se originam de comunicações interindividuais e que permeiam o âmbito sociológico e psicológico, englobando também aspectos simbólicos dos relacionamentos. As RS têm grande importância na apropriação de saberes e no desenvolvimento e significação pessoal ou coletiva (JODELET, 2001) o que a torna apropriada para embasar este estudo.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

Resultados

Voluntariamente 25 graduandos se propuseram a responder o questionário, no entanto após o prazo de uma semana 20 devolveram o mesmo respondido. Destes, todos são brancos, se consideram cristãos, heterossexuais e se enquadram na classe média, 14 são do sexo feminino e seis do masculino, com faixa etária entre 21 e 30 anos.

Ao analisar os discursos escritos nas respostas dos questionários, verificou-se que todos os graduandos entrevistados evidenciaram que desenvolveria no trabalho com a sexualidade aspectos no campo biológico, como o corpo em sua dimensão fisiológica e de sua saúde. Como pode ser exemplificado nos seguintes trechos transcritos de respostas dadas por eles:

*Discutiria o assunto do ponto de vista médico, explicando o funcionamento do corpo (...) esclarecendo possíveis dúvidas sobre o que é normal ou não do ponto de vista da saúde;
Primeiro faria uma aula expositiva abordando as principais DST e ao mesmo tempo perguntando o que os alunos pensam;
Após explicar o conteúdo, utilizaria materiais ilustrativos, como peças anatômicas dos aparelhos reprodutores e exemplares de métodos contraceptivos, como camisinha masculina e feminina, DIU, diafragma (...);
Ao abordar o tema, destacaria a anatomia do corpo humano, o ciclo hormonal feminino, os métodos contraceptivos e as DST;
(...) com debates sobre os diversos assuntos da sexualidade, desde o corpo humano feminino e masculino, suas transformações, métodos contraceptivos, gravidez indesejada (...).*

Em consonância com este resultado, Ribeiro e Souza destacam que:

(...) manuais, livros, guias de educação sexual, como também no tema transversal Orientação Sexual (PCN) a sexualidade esta prioritariamente vinculada ao conhecimento anátomo-fisiológico dos sistemas reprodutores, ao uso dos métodos anticoncepcionais aos mecanismos e à prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e da AIDS (...) (RIBEIRO; SOUZA 2003, p. 69).

Do total de alunos entrevistados, quatro consideraram que a temática deve ser desenvolvida fora da sala de aula, por meio de oficinas e palestras com profissionais especializados. Vale ressaltar que consideraram estes profissionais especializados como

sendo os médicos ou agentes públicos da saúde. O que evidencia que estes futuros professores não consideram o ambiente do dia-a-dia da sala de aula propício para discutir o assunto e nem o professor como um profissional preparado e responsável por desenvolver a temática na escola.

Autores como Figueiró (2006), Guimarães (1995), Nunes (2005), Sayão (1997) e Werebe (1998), destacam, de maneira geral, que o trabalho no campo da educação sexual deve ser realizado não apenas com ações pontuais e sim ao longo do tempo, por meio de diversas estratégias pedagógicas e recursos didáticos, abordando aspectos biológicos, sociais e culturais, durante as aulas e em projetos paralelos, a fim de contribuir com o desenvolvimento integral da personalidade e uma formação axiológica, para uma qualidade de vida e plenitude em felicidade. Contudo apenas um entrevistado destacou a importância de desenvolvê-la em um processo contínuo ao longo do período letivo, todos os outros destacaram algum momento pontual para se articular o tema, relacionando este aos conteúdos curriculares de biologia, mais precisamente aos de reprodução humana, o que reafirma a forte correlação entre sexualidade e aspectos biológicos feita por eles. Como ilustrado nos seguintes trechos transcritos de respostas de alguns entrevistados:

Provavelmente, trataria a sexualidade como um assunto transversal, no meio de uma aula sobre algum outro assunto, por exemplo, reprodução;

Desenvolveria juntamente com aula prática de anatomia humana;

Como professora, acho interessante abordar a sexualidade no momento em que lecionar o sistema reprodutor, abordando-o como um tema transversal (...);

Faria num momento que contextualize com o conteúdo dado, como na parte que eles estariam estudando anatomia humana;

Eu trabalharia o tema sexualidade junto com as aulas de corpo humano, aparelho reprodutor, antes de embriologia até.

Com relação ao assunto que os entrevistados consideraram mais importante, foi unânime: doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência e prevenção destes por meio de métodos contraceptivos. O que destaca mais uma vez, a concepção de sexualidade fortemente enraizada no campo da saúde. Entretanto três alunos acrescentaram ser importante discutir aspectos psicológicos da adolescência, mas não enfatizaram quais.

E um aluno destacou questões sobre homossexualidade e homofobia, sendo estes os únicos aspectos sociais presentes nas respostas de todos os graduandos.

Conclusão

De acordo com as análises dos discursos escritos, concluímos que as representações sociais desses graduandos entrevistados acerca do tema sexualidade estão ancoradas em uma dimensão biológica e médica.

Acreditamos que as dimensões fisiológicas, anatômicas são necessárias para tratar do tema sexualidade, mas não são suficientes para atender as necessidades transversais da temática que comporta a afetividade, o amor, as práticas culturais e sociais.

Considerando que por meio de suas representações o professor também educa seus alunos e que sua conduta pedagógica e filosófica é fortemente calcada nelas e que no âmbito escolar são os professores de Ciências e Biologia que quase sempre ficam com a responsabilidade de desenvolver projetos de interesse da educação sexual, destacamos mais uma vez a urgente necessidade dessa temática ser melhor discutida durante os cursos de licenciatura em Ciências Biológicas, claro, sem tirar a importância desta também nos cursos de formação continuada ou em qualquer outra licenciatura, afim de ampliar as concepções desses profissionais acerca desta dimensão humana, fundamental para um desenvolvimento pleno, sem anseios e tabus, da personalidade das crianças e adolescentes.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais**, v. 10, Brasília: MEC, 2001.

DUBEUX, Carolina Ramalho. **Quando o assunto é sexo**: um estudo geracional a respeito da transmissão de valores sobre sexualidade em famílias de camadas médias 1998. Dissertação de mestrado em Antropologia – UFPE. Recife, 1998.

EGYPTO, Antonio Carlos. **Sexo, prazeres e riscos**. São Paulo. Saraiva, 2005.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico **Formação de Educadores Sexuais: adiar não é mais possível.** Campinas, SP: Mercado de Letras, Londrina, PR: Eduel, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1998.

GAVIDIA, Valentín. A construção do conceito de transversalidade. In: ÁLVAREZ, Maria. Nieves. et al. **Valores e temas transversais no currículo.** Tradução por Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2002. (Inovação Pedagógica, v. 5)

GUIMARÃES, Isaura. **Educação sexual na escola – mito e realidade.** São Paulo: Mercado das Letras, 1995.

JODELET, Denise. (Org). **As Representações Sociais.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p 26.

LIMA, Elvira Souza. **Desenvolvimento e Aprendizagem na escola: aspectos culturais, neurológicos e psicológicos.** São Paulo: GEDH, 1997.

LORENCINI JÚNIOR, Álvaro. Os sentidos da sexualidade: natureza, cultura e educação. In: AQUINO, Julio. Groppa. (Org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1997. p 95.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais. Investigação em Psicologia Social.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NUNES, Cesar Aparecido. **Desvendando a sexualidade.** 7^a. ed. Campinas: Papyrus, p.15, 2005.

RIBEIRO, Paula Regina Costa; SOUZA, Diogo Onofre. **Falando com professores das séries iniciais do ensino fundamental sobre sexualidade na sala de aula: a presença do discurso biológico.** Enseñanza de las Ciencias, Barcelona, v.21, n.1, p.67-75, 2003. p.69.

SAYÃO, Rosely. Os problemas da informação sexual e o papel da escola. In Aquino Groppa Julio. (Org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1997.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES
Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares
28, 29 e 30 de abril de 2011
MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

WEREBE, Maria José Garcia. **Sexualidade, Política, Educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.